

efeito disney

ambiência

English/Español

efeito disney

ambiência

Luciano Pizzatto

© 2006 Luciano Pizzatto

Depósito legal junto à Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994 de 14 de dezembro de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Index Consultoria em Informação e Serviços S/C Ltda. – Curitiba-PR

Pizzatto, Luciano

P695 Efeito Disney : ambiência = The Disney effect :
ambiance = Efecto Disney : ambiente / Luciano Pizzatto ;
tradução inglês Martha Dias Schlemm, tradução espanhol
Teresa Vargas Sierra.— Curitiba : Ed. do Autor, 2006.
79p.

1. Meio ambiente. 2. Desenvolvimento sustentável.
I. Schlemm, Martha Dias. II. Sierra, Teresa Vargas.
III. Título.

CDD 363.7

CDU 505

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

A expressão *Efeito Disney* é
uma homenagem ao homem que mais
influenciou na construção da fantasia e dos
sonhos de nossa sociedade no último século.
Não tem, porém, nenhum caráter crítico pessoal
ou referência a algum tipo de responsabilidade.

Efeito Disney: Vida, alma, sentimento, necessidades e valores típicos da sociedade humana, que, quando projetados na natureza, geram visão lúdica dissociada da realidade e da ciência.

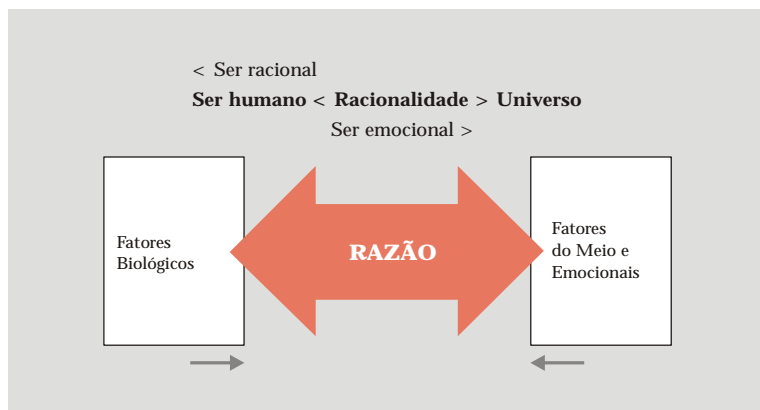
Nada existe no universo sozinho, e fora deste plano de conexão e dependência, de uma forma simplista, o mundo dos seres humanos possui uma clara separação dos demais mundos em função de algo que chamamos racionalidade.

Aborda-se, nesse aspecto, a racionalidade destituída das questões dos conflitos ideológicos ou das ações políticas e de debates entre universalistas e o relativismo cultural.¹

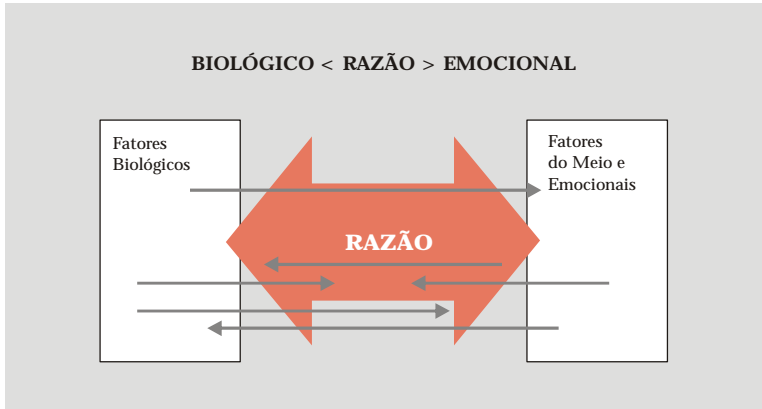
O ser racional: mesmo que seja racional ao seu modelo de vida e necessidade. A distância que separa a forma

¹ Ideologia político-social que defende a validade e riqueza de todo um sistema cultural e nega qualquer valor moral ou ético dos mesmos. Nas suas manifestações mais extremas, chega a equiparar coisas como o “vudu” com a ciência e a legitimar a poligamia ou ablação do clitóris. Disponível em: < es.wikipedia.org/wiki/relativismo_cultural >

de ver os mundos pode ser mais ou menos intensa e pode gerar desde pessoas absolutamente técnicas até outras emotivas e sensíveis.



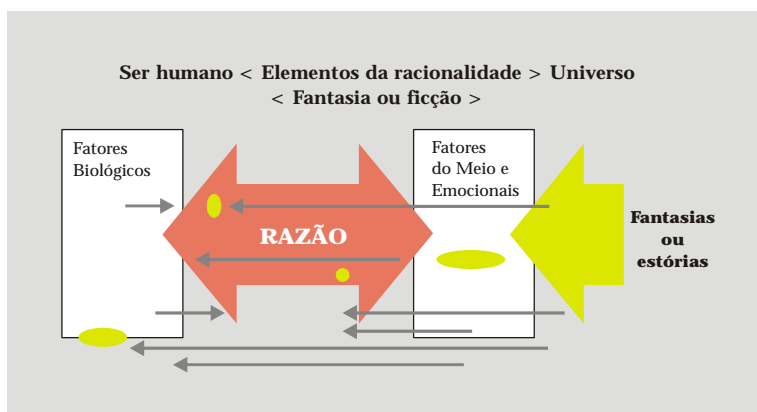
Essa relação já vem sendo amplamente discutida, desde os primórdios da filosofia até as recentes pesquisas genéticas, e divide os que dão maior peso às reações, fruto da herança genética, daqueles que afirmam que a emoção é que rege a razão e a inteligência. Não é esta a discussão que proponho com o *Efeito Disney*, e sim a conceituação de uma causa de distorção ou bloqueio na capacidade da relação da racionalidade com o meio biológico e emocional.



Nesse sentido, o psicossocial vem sendo gradativamente alterado para que, em alguns pontos dessa relação, os mundos se encontrem e se misturem, com a perda da noção do racional, sem que isto seja efeito ou causa de uma relação aceita tradicionalmente como sendo de fatores técnicos ou simplesmente emocionais ou, ainda, da herança genética milenar das reações e dos instintos. Tem uma profunda relação com o conceito de Inteligência Emocional, mas não colide com as fronteiras mais rígidas da força biológica ou das cartesianas leis da ciência.

A perda da noção do racional, com a mistura do técnico ao lógico, passa a ser um sentimento coletivo de verdade, totalmente dissociado do conhecimento e dos fatos que deveriam gerar o cenário que forma a verdade como a entendemos.

Essas interações coletivas são o que denomino
Efeito Disney.



O *Efeito Disney* é o oposto dos efeitos danosos diretos gerados pela violência e pela indiferença, trazidos pela massificação de informações e pelas cenas de brutalidade, entre outras, que são amplamente discutidas pela sociedade.

Por parecer benéfico e agradável, acabamos sendo condescendentes com esta situação, e preferimos que o *Efeito* seja encarado como uma motivação aos bons sentimentos da humanidade, em contrapartida aos estímulos negativos que vêm sendo combatidos de forma mais evidente, como a violência e a apologia a drogas e sexo.

Infelizmente, porém, o bem e o mal, quando não vistos de forma clara ou não são entendidos de maneira definida (sem que se tenha um referencial, um ponto de sustentação científica ou de evidência), ou, ainda, quando mostrados de maneira manipulada a uma vontade, acabam gerando graves alterações – positivas ou negativas – que podem abalar todos os critérios de decisão de uma sociedade.

O *Efeito Disney* não se refere ao tradicional debate entre os antropocêntricos² e os ecocêntricos³ ou biocêntricos, em defesa de uma ideologia ou de um posicionamento político, e sim a um fato que está influenciando diretamente toda sociedade e sua capacidade de compreensão, produzindo inclusive um novo fenômeno cultural. Supera também o processo de

² Antropocêntrico: considera o homem o fator principal ou de quem e para quem parte o Direito, mesmo quando determina normas para sua relação com o meio ambiente.

³ Ecocêntrico ou biocêntrico: não considera o homem como fator principal ou de quem e para quem parte o Direito. Considera sua ótica pela ou para a biosfera, onde todas as coisas têm o mesmo direito de viver e florescer, bem como de alcançar as suas formas individuais de desenvolvimento e auto-realização dentro da Auto-realização maior. Todos os organismos e todas as entidades da ecosfera são iguais em termos de seu valor intrínseco.

diferenciar o mundo ideal do mundo real, e a busca de sua adequação.

O exemplo mais evidente deste *Efeito* é a relação da sociedade urbana com o meio ambiente natural.

Diversas gerações, que pelo fenômeno de concentração urbana deixam de conhecer e conviver com o meio rural, e tomam conhecimento desse meio mediante desenhos animados, por exemplo, e, posteriormente, filmes do estilo “*Baleia Chamu*” ou “*Procurando Nemo*”, geram um subconsciente coletivo, mesmo que se saiba da sua irrealdade, no qual os animais possuem relações de vida semelhantes às dos seres humanos. Além de relações, necessidades e padrões sociais idênticos.

A raposa, após caçar os coelhinhos (que sempre se salvam!), volta para sua casa, com porta, mesa e cama; atende a seus filhinhos que voltam das aulas, prepara uma sopa de verduras etc. Animais concorrentes na cadeia alimentar convivem como grandes e fiéis amigos (*Madagascar*, 2005⁴).

⁴ Nesse desenho animado, animais que fugiram de um zoológico vivem em grande harmonia e relacionamento com as “rêmoras” locais, ao chegarem por acidente em Madagascar, e a amizade entre uma zebra, um leão, um hipopótamo e uma girafa é de profunda emoção, mesmo sendo a zebra o alimento preferido dos leões na vida real.

O *Efeito Disney* é o efeito da massificação de estórias ou desejos que impedem o avanço de idéias ou processos com base científica pela dificuldade de informar de maneira isenta, gerada por uma barreira de comunicação com a sociedade entre fato e fantasia.

Difere dos processos ideológicos ou de fanatismo, por não ser, em geral, intencional.⁵ Nada tem a ver com a questão dos que acham necessário pensar o direito da vida não como o direito inerente ao ser humano, mas como direito inerente ao ser vivo. Pois a vida, nesse caso, está sendo pensada sob premissas irreais na sua existência.

Este *Efeito* ultrapassa as questões de alguém ser dono do planeta, de transformar animais em divindades ou em seguidores do homem ou seus escravos ou propriedades para usar e dispor.

Ele pode ser usado nesses processos como uma das suas ferramentas, mas deve ser visto como um efeito formador de um psicossocial coletivo restritivo à realidade. Isto, pelo simples fato de os seres humanos

⁵ O *Efeito Disney* não vincula necessariamente mensagens subliminares ou ideológicas, atrás de estórias ou mensagens infantis, tema desenvolvido por outros autores, e que tem gerado permanente polêmica.

preferirem o belo, o feliz, bem como que sua estrutura social exista e prevaleça entre todos os seres e estruturas conhecidas ou imaginárias, pois este é o nosso padrão de felicidade.

Com isso, é mais fácil aceitar que peixinhos vivem em famílias freqüentando escola, que camundongos são detetives, porquinhos falam ou árvores se unem em exércitos para lutar por seus filhinhos. Muito mais fácil do que aceitar que peixinhos comem peixinhos, camundongos vivem em meios com padrões de salubridade muito abaixo dos padrões que o ser humano suportaria, que porquinhos são abatidos aos milhares⁶ para suprir nossa demanda de proteína animal e que árvores, além de imóveis, são vegetais de grande porte e alta concorrência entre os outros vegetais e até mesmo outras árvores, inclusive da mesma espécie.

Não estou questionando se animais e plantas possuem ou não algum grau de sentimento ou de raciocínio, e sim o padrão desses sentimentos e a lógica do raciocínio quando comparado com os dos seres humanos.

⁶ Por ano, são abatidos cerca de 24 milhões de suínos só no Brasil (IBGE, 2005). Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/teabat22005.pdf>

Talvez esse único parágrafo seja suficiente para que muitos dos leitores sintam-se ofendidos no seu sentimento lúdico e para que outros fortaleçam a defesa de suas teses consumistas. Não objetivo, porém, provocar nenhuma dessas reações ao alertar sobre o *Efeito Disney*. Pretendo apenas que ele sirva de parâmetro para avaliar interações coletivas influenciadas pela ficção e pela fantasia.

Esse *Efeito* soma-se à falta de conhecimento entre a cadeia completa de fatos e a informação levada ao público: por exemplo, até mesmo os noticiários e as propagandas quando tratam da agricultura, na maioria das vezes, apresentam campos maravilhosos, floridos ou em colheita, e não o processo de sua implantação desestruturando o solo pelo uso do fogo. As galinhas são mostradas em galinheiros com ar condicionado, água e comida, e depois na forma de gostosos frangos fritos ou já limpinhos na linha de produção, sem a cena de sua degola, sangria e depenação.⁷ Já a indústria florestal é invariavelmente demonstrada com o ato de derrubada, queda e corte de árvores, com motosserra ou machado.

⁷ Por ano, são abatidas cerca de 4 bilhões de unidades de frangos só no Brasil (IBGE, 2005).

Dessa forma, dos três setores primários usados como exemplos, o madeireiro é sempre apresentado como sinônimo de destruição, mesmo que, no conjunto e em longo prazo, ambientalmente tenha menor impacto do que as outras atividades.

Se pedirmos às pessoas que indiquem entre um plantio de trigo, uma pastagem com uma vaquinha e uma área recém-desmatada a situação que, para elas, representa mais vida, ninguém escolherá a área desmatada, mesmo que cientificamente seja esta a que mantém maior dinâmica de vida e as melhores características de restituir as condições do ambiente original.

Quando visto como o processo massivo de idéias levadas às sociedades por meio de filmes e séries nos quais os animais possuem estrutura social e sentimentos humanos, o *Efeito Disney* gera um filtro inconsciente entre a realidade e a ficção. Assim, induz as pessoas a preferirem conceitos e opiniões mais próximos a esta ficção e à sua vontade de concretizá-la, como sendo a real felicidade, mesmo sem base científica.

É claro que esse *Efeito* não é fruto dos meios modernos de comunicação – que potencializaram enormemente seu resultado –, pois existe desde eras imemoriais, nas lendas das bruxas, da terra quadrada rodeada por

monstros, de baleias brancas (Moby Dick), minotauros e tantos outros mitos.

Mas, sem dúvida, o efeito causado no último século pelo uso de desenhos animados e filmes sobre animais (como “*Free Willy*” ou “*Nemo*”) origina uma estrutura fantasiosa do mundo que nos rodeia com muito mais força de formação da opinião pública do que os raros canais e filmes de informação científica, que na sua maioria contradizem toda esta fantasia e, portanto, não são simpáticos a grande parte da população, que prefere a fuga dos sonhos à aridez da informação técnica.

A diretora de um grande evento de incentivo para que crianças freqüentem mais cedo as salas de cinema, no final de 2004, no Rio de Janeiro, declarou para a imprensa⁸: “Quanto antes pudermos trabalhar o imaginário da criança melhor, pois é quando ela forma sua percepção da sociedade para toda vida”. As cenas que se seguiram a essa entrevista mostravam as crianças vibrando com os conceitos de desenhos e a proposta de relação social desejada, tudo natural, o que sem nenhuma maldade intencional acontece todos os dias em todo mundo.

⁸ Banco de dados da Globo News.

Como conseqüência, enfrentamos dificuldades enormes para implementar modelos como o de desenvolvimento sustentado, pois, por mais aceitos e lógicos que pareçam, esses modelos exigem o uso e a transformação do meio em que vivemos, em maior ou menor escala, e a sociedade aceita essas transformações desde que não seja colocada à frente da necessidade de decidir sobre ela. Ou seja, compram-se móveis e casas de madeira, mas se discorda do manejo florestal se for mostrado ou pedido que a pessoa determine a derrubada das árvores ou que a comida seja aliada à imagem da morte do animal.

Pelo sentimento da humanidade, esse tipo de situação já faz parte da razão da maioria das pessoas. E este é mais um motivo para que o *Efeito Disney* seja potencializado e aceito de forma inconsciente. O desejo humano é receptivo a ele.

À medida que a sociedade evoluiu com padrões éticos mais efetivos e claros, com aumento da qualidade de vida – que permite a mais pessoas usufruírem o planeta de formas alternativas como o turismo e os meios contemplativos –, o subconsciente coletivo, acaba potencializando a ficção e a vontade de que esta seja

verdadeira. Coloca em risco, assim, a capacidade de podermos efetivamente garantir um mundo sustentado para as próximas gerações, por medo, precaução ou desconfiança de adotarmos, na atual geração, modelos de uso absolutamente imperiosos, mas que não fazem parte do mundo feliz de tantas alegrias e lágrimas de emoção que nos trazem os contos, os filmes e a fantasia.

SENTINDO O EFEITO DISNEY

Após ter lido um livro sobre direito dos animais, com grande dose emocional em todas as suas páginas, resolvi entender a força que ele exerceu sobre o emocional e passei a escrever um texto sobre seu conteúdo, iniciando com a descrição de uma morte:

“Enquanto admirava a luz do sol, que, como plumas de seda invisível, tocava cada célula de vida em todo seu corpo, alimentando e realimentando este processo divino, o ser indefeso sentiu o tocar da mão de um outro ser, também feito de matéria, mas que se considerava muito mais evoluído.

Nesse toque, em vez de carinho, que essa mão também poderia dar, foi arrebatado por uma imensa violência.

Essa violência rompeu rapidamente toda sua ligação com seu meio de sobrevivência, sua forma de respirar, de beber, de transformar o meio ao seu redor em meio de vida, equilibrada, suave, calma e de contemplação.

Ao quebrar esse elo, o ser foi jogado ao lado, em uma pilha, como mais um, ou melhor, como menos um.

O sol continuava a tocar todo seu corpo sedoso, mas não havia mais como trocar aquele calor por vida.

Seu soluço procurava pela água, pela comida. Mas isso foi quebrado por aquela mão destruidora.

Os momentos de prazer começaram a se transformar em ansiedade, em sufocamento. Todas as trocas não traziam mais oxigênio, mas sim toxinas e toxinas, que não se renovavam.

Anunciando cada vez mais a morte próxima.

Seus soluços, seu choro, seu grito e suplicar não poderiam ser ouvidos!

O ser, forte e superior, sequer entendia sua linguagem.

Sequer ouvia sua voz, pois suas frequências não cruzavam o mesmo espaço.

Pedir socorro para quem, se os deuses eram o mesmo, mas não os seus mundos?

A falta de ar, a água evaporando do corpo, o calor que antes era uma dádiva agora queima todo seu interior. O mundo

contemplativo ao seu redor se transformando da paz para o horror de uma guerra de sobrevivência já perdida.

E como não bastasse essa morte lenta, o ser retorna com suas grandes mãos, carrega aquele pedaço moribundo, e como se fosse sádico, começa a rasgá-lo, a despedaçá-lo.

Grandes e pequenos.

Gritos de horror e morte. Gritos do mais absoluto silêncio para o outro ser, que nada ouve, ou nada pode ouvir.

As células são dilaceradas, seus tecidos arrebatados.

Não há mais trocas, não há mais como respirar, como beber, como comer. E, na forma de uma pilha disforme de células transformadas em vitaminas e fibras, aquele pé de alface jaz em um prato de salada.”

Essa é a “fiel” descrição do encontro de um ser humano, em sua horta, com um pé de alface e a sua forma de morrer. Ato corriqueiro, que ocorre bilhões de vezes todos os dias, aconteceu nos milhares de anos que já se passaram e vai se repetir pelos próximos anos.

É a descrição sobre um vegetal que em nada difere de outro ser, talvez do reino animal, em que o vermelho do sangue e a temperatura do corpo podem nos chocar mais do que a clorofila e a temperatura ambiente do vegetal. Mas vegetal e animal são seres vivos.

A descrição biológica não fugiria da mesma síntese, sendo apenas descritiva, racional e seqüencial. Sem emoção.

Com certeza, a descrição biológica não traria nenhuma emoção, nenhuma reação, nada além da leitura de um fato corriqueiro. Já a forma lúdica de descrição adotada pode trazer variações de sentimentos do ridículo ao sentimento da compaixão, dependendo do grau de motivação de cada um.

Quando mais se permear a razão, impedindo que ela consiga racionalizar o processo biológico do emocional, maior terá sido o que eu chamo de *Efeito Disney* da nossa história.

Em epistemologia⁹ é simples entender a luta entre o biológico, o emocional e a razão e o quanto não conseguimos equilibrar tais pressões quando somos motivados por fatores que vão muito além da informação, da doutrina ou da fria letra da lei.

A descrição dessa morte também serve para reforçar ou traduzir os confrontos de conceitos, quando

⁹ Epistemologia (do grego *episteme*, “conhecimento”; *logos*, “teoria”) é um ramo da filosofia que trata sobre os problemas filosóficos relacionados à teoria do conhecimento.

Disponível em: < pt.wikipedia.org/wiki/epistemologia > .

O estudo de como sabemos o que sabemos. Disponível em: www.pnlbrasil.com.br/artigos/glossari.htm.

cientificamente demonstram-se situações como os limites da audição (20 a 20.000KHz)¹⁰ dos seres humanos, ou da sua visão restrita entre o infravermelho e o ultravioleta, e a capacidade de entender outros seres.

Isso nos leva a conceitos muito mais complexos, como o de que o que vemos não é o que enxergamos, e tudo que teríamos que ver não conseguimos enxergar nem ouvir nem sentir, pelos estritos limites físicos dos sentidos humanos.

A mente, o sentimento, estes não poderiam ter limites e deveriam nos proporcionar a obrigação de entendermos as outras espécies. Mas a mente e os sentimentos possuem limites. Limites talvez proporcionalmente maiores do que os físicos, formados por heranças genéticas, carga social, formação familiar, meio e tantos outros fatores.

A comparação estreita entre composições químicas, matéria e fluidos, massa e densidade, e tantas outras, não pode perder o sentido da existência de uma alma, de um espírito, seja ele definido da forma teológica que for.

¹⁰ Hz: hertz, unidade de medição da frequência da variação de ciclos de determinado impulso, desde o elétrico até as ondas sonoras. Nos seres humanos, a capacidade de ouvir situa-se entre as frequências de 20 a 20.000Hz.

Concordo com a visão de que todo ser com dinâmica de vida tenha um princípio espiritual – que deve ser respeitado – mesmo que em graus evolutivos muito distantes entre cada categoria ou espécie.

Mas a relação da manutenção das necessidades da vida, fisiológicas ou não, não precisa ser confrontada com a manutenção das fontes de energia por meio do consumo de proteínas, da sofisticação dos sentidos pelo consumo e refino de outras espécies, e sua harmonia com a cultura, ainda que envolva situações de ruptura de princípios entre sociedades, como o consumo de cérebros vivos de macacos ou o uso de cobaias em pesquisas.

A dignidade deve ser buscada nessas relações com o uso de mecanismos que ocasionem a menor dor, o menor trauma, o menor sofrimento. Essa busca, porém, não pode gerar uma barreira que inviabilize o atual modelo de sobrevivência e convívio dos seres humanos, marginalizando, inclusive, aqueles que eventualmente possuem culturas diferentes.

Sobre esse aspecto, não posso afirmar que os outros seres vivos, tanto do reino animal como do vegetal, entre outros reinos em que latejam as relações biológicas, possuem ou não equivalência de sentimentos e direito à vida. Não consigo superar a dúvida da

existência da cadeia alimentar entre todas as espécies, consumidas vivas na sua quase totalidade, e que esta regra deva ter normas de direito quando aplicadas à espécie humana e às outras espécies. Até mesmo porque ditar essas normas em relação às outras espécies já é uma forma dominante de nossa visão.

Como exemplo, superpopulações de animais ocasionam catástrofes ambientais, mortes horrorosas por doenças e outros fatores naturais, e a indução pela não intervenção talvez seja tão cruel quanto o consumo desregrado e abusivo desta mesma espécie.

Também julgar qual espécie merece maior atenção é algo que requer maior reflexão. Vários livros focam os animais, na verdade uma parte dos animais.

Não relacionam o mesmo caráter de respeito à vida e ao consumo humano de espécies vegetais. Não tratam dos peixes e outras espécies relevantes em pé de igualdade. Deixam no ar algo como “gostar mais ou menos” de alguma coisa: “como amar meu cachorro, mas poder matar a aranha que está sobre o meu travesseiro”.

Os conceitos, dessa forma, perdem seu caráter universal.

No campo da filosofia e da ética, as idéias e os questionamentos das relações entre as espécies são

fundamentais e pertinentes, provocando a necessidade de rapidamente aprofundarmos estas questões.

No campo do direito, porém, seria uma temeridade avançarmos sem o devido reconhecimento de evidências mais claras dos argumentos, mesmo utilizando-nos de princípios como o da precaução ou de apelos como o do sofrimento.

Ainda mantemos bilhões de seres humanos miseráveis e subnutridos, que sequer alcançaram a qualidade de vida mínima padronizada no modelo político e econômico atual. E esta meta de qualidade de vida não deve justificar qualquer ato a qualquer preço, mas pode e deve estimular a cautela em não criarmos mais problemas, na forma de barreiras, do que podemos solucionar.

efeito disney

Sobre o Autor



O curitibano Luciano Pizzatto é Engenheiro Florestal pela Universidade Federal do Paraná e cursou pós-graduação *lato sensu* em Direito Socioambiental pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Desenvolveu conceitos reconhecidos por diversas premiações como o Primeiro Prêmio Nacional de Ecologia, em 1986, da Fundação Roberto Marinho, Conselho Nacional de Pesquisa e Governo Federal. Como Diretor de Parques Nacionais e Reservas do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal/Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, criou os parques de Fernando de Noronha (Pernambuco), Chapada dos Guimarães (Mato Grosso) e Superagüi (Paraná). Foi Deputado Estadual e Federal de 1989 a 2003. É autor da primeira lei que ampliou os limites de uma Unidade de Conservação e criou a primeira Unidade de Conservação (Parque Nacional Saint-Hilaire Langue no Paraná) por iniciativa do Congresso. Foi relator de leis como a de Crimes Ambientais, de Resíduos Nucleares, do novo Estatuto do Índio e da Lei de Mata Atlântica. Participou e presidiu cerca de 1.200 audiências, seminários e reuniões técnicas na área de meio ambiente e minorias. Foi relator ou presidiu cerca de 40 comissões especiais como a de Aramar, do incidente em Angra I, incidentes petrolíferos da Refinaria Presidente Getúlio Vargas (Paraná), da P-36 e Projeto Pegasus, do massacre Yanomani, da intervenção militar nas favelas do Rio de Janeiro, do controle de Alcatrazes, do centro nuclear do Exército no Rio de Janeiro, da base da Antártica, da Força de Paz em Angola, dos Incêndios em Roraima, da Comissão Parlamentar de Inquérito da Borracha, entre outras. Foi por oito vezes vice-presidente da Comissão de Meio Ambiente, Presidente da Comissão de Defesa Nacional e Presidente da Frente Parlamentar Ambientalista do Congresso Nacional. Publicou cerca de 130 artigos e três livros.

the
disney

effect

ambiance

Luciano Pizzatto

The expression *Disney Effect* pays homage to the most influential man in the construction of our society's fantasy and dreams in the past century. It does not carry any personal criticism nor does it imply any kind of accountability.

Disney Effect: life, soul, feeling, needs, and typical values of human society which, projected onto Nature, create a ludic worldview dissociated from reality and science.

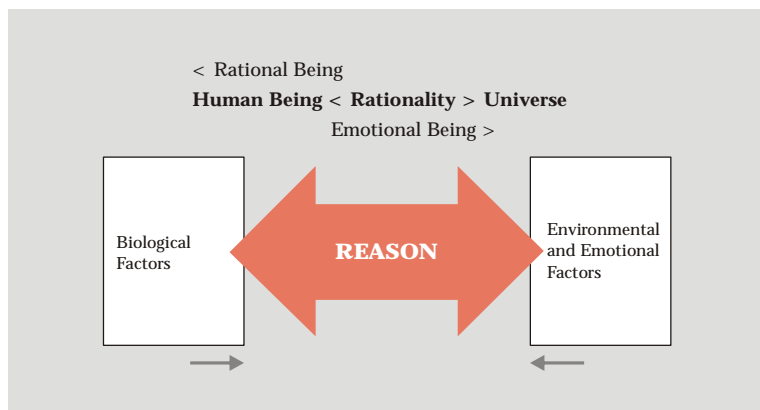
Nothing exists alone in the Universe and, outside this connection and dependence plan, in a simplistic way, the world of human beings is clearly separated from other worlds as a function of what we call rationality.

In this respect, the approach to rationality is free from issues deriving from ideological conflicts or political actions, and debates among Universalists and cultural relativism.¹

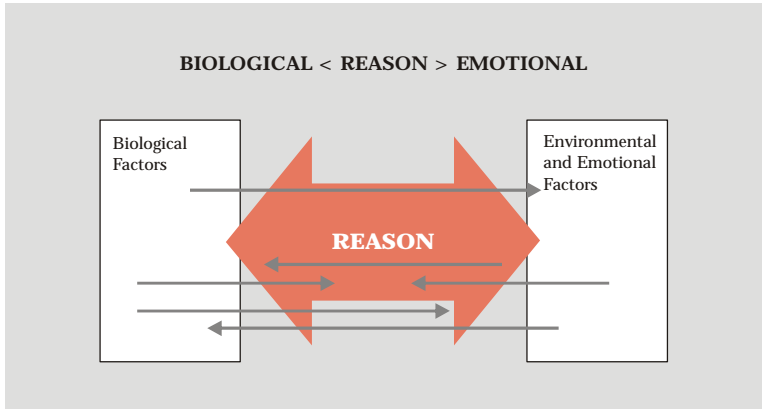
The rational being: even if rational only in respect of his own model of life and needs. The distance separating the way we see the different worlds may be more or less

¹ Web definition: a socio-political ideology that advocates the validity and wealth of a whole cultural system while at the same time negating their moral or ethical value. In its most extreme manifestations, it equates sects like “Voodoo” to science and legitimizes polygamy or clitoris ablation. Available at <es.wikipedia.org/wiki/relativismo_cultural>

intense and may shape people in a variety of ways, ranging from the absolutely technical to more emotive and sensitive ones.



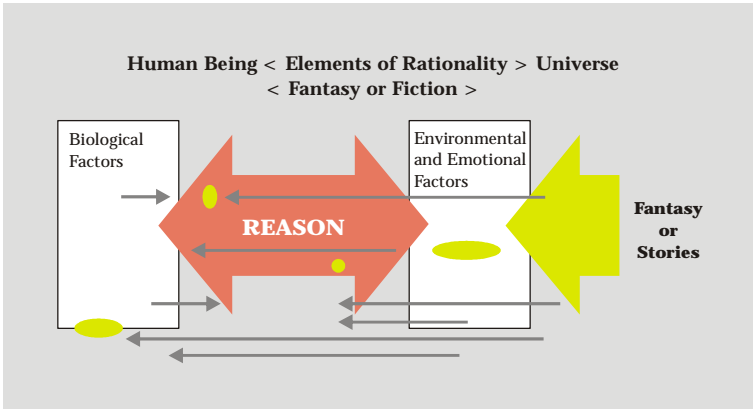
This relationship has been long and widely discussed. From the beginnings of philosophy until the most recent genetic research, and it separates those who put more weight on reactions – the fruit of our genetic heritage – from those who state that emotion rules over reason and intelligence. However, this is not the discussion engendered by the *Disney Effect* proposed here; but sooner the conceptualization of one of the causes of distortion or blockage in rationality's capacity to relate to the biological and emotional environments.



In this sense, the psychosocial has been gradually changing, so much so that, at some points in this relationship, the worlds actually meet and merge, losing touch with the notion of what is rational, without it being either effect or cause of a traditionally accepted relationship of technical factors or simply emotional ones or, still, of the reactions and instincts genetically inherited in millions of years. It bears a deep relationship with the concept of Emotional Intelligence, without colliding with the stricter barriers of biological power or Cartesian scientific laws.

The loss of the notion of rational, with the mixture of the technical with the logical, becomes a collective feeling of truth totally dissociated from knowledge and facts that should set the scenario that shapes truth as we know it.

These collective interactions are what I call the *Disney Effect*.



The *Disney Effect* is the opposite of the direct harmful effects created by violence and indifference brought about by mass information and brutal scenes, among others, so widely discussed by society.

For seeming beneficial and pleasant, we end up by being condescending to the situation and prefer to see the *Effect* as an encouragement to good humanitarian feelings, in opposition to negative stimuli being kept at bay in more obvious ways such as violence and the apologetics of drugs and sex.

Unfortunately, however, when good and evil are not seen clearly or understood in an unambiguous way

(without reference, lacking scientific support or evidence), or still, when they are showcased as manipulations of some sort of will, they end up by causing severe changes – both positive and negative – that can strike at the foundations of the decision criteria of a given society.

The *Disney Effect* has nothing to do with the traditional debate between the anthropocentric² and the ecocentric³ or even the biocentric in their advocacy of ideologies or political stances, but rather, with a fact that is directly affecting general society and its understanding capability, and as such generating a new cultural phenomenon. It also transcends the process of differentiating the ideal world from the real one, as well as its search for ways of adjusting.

² Anthropocentric: considers man as the main factor about who or to who Law is directed, even when it dictates standards for his relationship with the environment.

³ Ecocentric or biocentric: does not consider man as the main factor or about who of to who Law is directed. Its outlook is based on or is for the biosphere, where all things have the same right to live and flourish, as well as to reach their individual forms of development and self-realization within the greater form of Self-concretization. All organisms and all entities in the ecosphere are equal in terms of their intrinsic value.

The best example of this *Effect* is the relationship between urban society and the natural environment.

Several generations, which as a consequence of the urban concentration phenomenon are prevented from knowing and experiencing the natural environment for themselves, learn about it only through animations and cartoons, for example, and later on, through movies like “*Shamu, the Killer Whale*” or “*Looking for Nemo*”.

They end up by creating a collective unconscious – even knowing that it is unreal – in which animals have life relationships similar to that of human beings; not only relationships, but also identical needs and social standards.

A fox, for example, after chasing bunny rabbits (always safe and sound in the end!), goes back to a home with a door, a table, a bed; tends to her cubs, who are coming back from school; gets vegetable soup for dinner, etc. So, animals that naturally compete in the food chain are shown as living together as great and trustworthy friends (see also “*Madagascar*”, 2005⁴).

⁴ In this animated feature movie, run-away animals from a zoo live in great harmony and have a great relationship with the local “barriers”. As they accidentally reach Madagascar, the friendship between a zebra, a lion, a hippopotamus, and a giraffe reaches high emotional levels, even though the zebra is the lion’s favorite food in real life.

The *Disney Effect* results from the massification of stories and wishes that hinder the advancement of ideas and/or scientifically-based processes, thanks to the difficulty of conveying unbiased information, created by a communication barrier with society about what is fact and what is fantasy.

It differs from ideological and fanaticism processes because it is, for most part, unintentional.⁵ It has nothing to do with those who favor thinking about the right to life as a right inherent to man alone, but as a right inherent to all living beings. In this case, life in its existence is being thought about with basis on unreal premises.

This *Effect* goes beyond issues of whether man owns the planet, or changes animals into deities or man's followers or slaves or even into his property to use and abuse.

Even though it could be used in these processes as one more tool, it should rather be seen as an effect capable of shaping a collective psychosocial that restricts reality. And so it is, thanks to the simple fact that human

⁵ The *Disney Effect* does not necessarily convey subliminal messages or ideologies behind children's stories or messages, a theme developed by other authors that has generated endless controversy.

beings prefer beauty and happiness; and we want our social structure to prevail over all other beings and structures, known or imaginary, for this is our standard of happiness.

Thus, it is easier to accept that small fish live in families and go to school; that mice are detectives; piglets talk; and trees form armies to fight for their offspring. It is much easier than to accept that fish eat fish; mice live in environments where health standards are way below what would be humanly bearable; that piglets are slaughtered by the thousands⁶ in order to meet our demand for animal protein; that trees, in addition to being stationary, are huge plant species that aggressively compete with other plant species, with other trees, and of the same species, too!

I am not questioning whether animals and plants have (or don't) some degree of feeling or reasoning capability, but rather, the patterns of these feelings and the logic of their thinking by comparison with humans.

⁶ Every year, approximately 24 million pigs are slaughtered in Brazil alone (IBGE, 2005). Available at: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/teabat22005.pdf>

Maybe this paragraph alone is enough to offend some readers in their ludic feeling, while others will feel even stronger in advocating their consumerist theses. It is not my objective, however, to trigger any reaction by raising a red flag over the *Disney Effect*. My intention is to use it as a parameter against which to evaluate collective interactions impacted by fiction and fantasy.

This *Effect* gains impetus in combination with lack of knowledge on the full chain of facts and information that are actually fed to the general public. For example: news programs and add spots, when dealing with agribusiness, will mostly show beautiful fields, in bloom or at harvest time, but rarely show deforestation processes in which fire is often used to clear the land. Chickens are shown in air-conditioned shacks, with food and water and, later, as delicious fried chicken or clean and ready in the production line, while scenes in which they are slaughtered, bled, and plucked⁷ are never seen. Conversely, the forestry industry is invariably shown during tree felling, when trees are cut down with chain saws and axes. So, from the three primary sectors used here as examples, wood harvesting is always presented

⁷ Every year, approximately 4 billion chickens are slaughtered in Brazil alone (IBGE, 2005).

as synonymous to destruction even if, as a whole and in the long run, its environmental impact is much smaller than the other two activities.

So, if we ask people to choose which situation represents life better – wheat being sown, a field with a grazing cow, or a recently cleared forest area –, nobody will choose the cleared forest area, even if scientifically speaking, this is the scenario with the best life dynamics and with the best features to be reverted to its original state.

When seen as a massive process of ideas conveyed to society through films and TV series, in which animals are provided with a human social structure and human feelings, the *Disney Effect* creates an unconscious filter between reality and fiction. Thus, it induces people to mistake concepts and opinions that are closer to fiction and to their wish of having it come true for true happiness, even if lacking scientific basis.

It is clear that this *Effect* is not a product of the modern means of communication – although they have greatly potentialized its result. It has existed from time immemorial in witches' tales, in the notion that the Earth was square and surrounded by monsters, in our belief in white whales (Moby Dick), the Minotaur, and so many other myths.

Undoubtedly, though, the effect created in the past century by animal animations and movies (“Free Willy”, “Nemo”) gives rise to a fantasized structure of the world around us, with much more power to influence public opinion than the rare TV channels and movies conveying scientific information. In their vast majority, they contradict this fantasy world and thus are not viewed with kind eyes by the general population in their preference for dreams instead of dull technical information.

The head of an important event encouraging children to start going to the movies at a younger age, in Rio de Janeiro, in the end of 2004, made the following statement to the press⁸: “The sooner we start working on children’s imagination the better, for this is when they start shaping their perception about society, for life”. The scenes following this interview show children vibrating with the concepts conveyed in cartoons and the desired social relationship proposal; everything very natural, something that happens without any malice, every day all over the world.

⁸ Globo News Database.

As a consequence, we face insurmountable difficulties in implementing models like sustainable development, for even well-accepted and logic as they may seem, these models still require that we use and change the environment in which we live – in smaller or larger scale –, while society will accept these changes provided it is not faced with the need to make decisions about them. In other words, wooden furniture and houses are bought, but there will be no consensus on forest management whenever it is out in the open or when the individual is asked to make a decision on whether trees should be cut down or not; the same goes for food when it is associated with images depicting animal death.

Through feelings of humanity, this type of situation is already part of most people's way of thinking. This is one more reason for the *Disney Effect* to be potentialized and accepted in an unconscious way. Human desire is receptive to it.

As society evolved, with more effective and clear-cut ethical values, with improved quality of life – allowing more people to enjoy the planet in alternative ways such as tourism and contemplative means – the collective unconscious ended up by increasing fiction's potential along with the wish for it to come true. Thus,

it jeopardizes our capacity of effectively ensuring a sustainable world for future generations, thanks to our fear, precaution or uncertainty to adopt models, still in our time, whose use are imperative, but which are not part of the happy world filled with so many joys and emotional tears evoked by fairy-tales, films, and fantasy.

FEELING THE DISNEY EFFECT

After having read a book on animal rights, heavily charged with emotion in all of its pages, I was keen on understanding the power it held over my emotional state, and started to write a text about its content, opening with the description of a death:

“While contemplating the sunlight that touched each living cell in his whole body like invisible silk feathers, feeding and re-feeding this divine process, the helpless being felt the touch of the hand of another being, also made of matter, but who considered himself as a more evolved being.

Through this touch, instead of the kindness that this hand was also capable of giving, it was snatched with incredible violence.

Such violence immediately broke its connection with its means of survival, its way of breathing, drinking, of changing the

environment around it into a balanced, gentle, peaceful life, a life of contemplation.

This link broken, the being was thrown to the side, on a stack with others, just one more, or better, one less.

The sun went on touching his silky body, but there was no longer a way of changing that warmth into life.

In its sobbing, it sought water, food. But this was ended by that destructing hand.

The moments of pleasure became anxiety, suffocation. Exchanges no longer brought in oxygen, but rather toxins and more toxins, which did not renew themselves; instead they increasingly announced imminent death.

Its sobbing, its cry, its scream and supplication could not be heard!

The strong and superior being did not understand its language.

Its voice could not be heard, because their frequencies did not cross the same space.

Who could it ask for help, if the gods were the same, but not their worlds?

Air was lacking, water was evaporating from its body, and the warmth that had been a gift now burned its insides.

The contemplative world around it was changed from peaceful to the horrors of a war for survival that was already lost.

And even if this slow death was not enough, the being comes back with his huge hands, carries that dying body, and like a sadist, starts to tear it up, to shred it to pieces.

Big and small.

Screams of horror and death. Screams of absolute silence for the other being, which hears nothing, or is incapable of hearing at all.

Cells are dilacerated, tissues torn up.

There are no more exchanges, there is no way of breathing, drinking, eating. And, as a shapeless stack of cells changed into vitamins and fibers, the lettuce head lies on a salad plate.”

This is the “true” description of a meeting between a human being in his vegetable garden with a lettuce head, and its death. It is a simple event that happens a billion times every day, happened for thousands of years in the past, and will go on being repeated in years to come.

It is the description of a vegetable that is not much different from any other being – maybe from animal species – that thanks to their red blood and body

temperature that can make death look a little more shocking to us than the sight of chlorophyll and the room temperature of the vegetable. But both vegetable and animal are living beings.

The biological description would not escape the same synthesis, being just descriptive, rational, and sequential. Emotionless.

Certainly, the biological description would not stir emotions, reactions, anything other than the reading of a humdrum occurrence. Conversely, the ludic description is capable of awakening a variety of feelings ranging from the ridiculous to feelings of compassion, depending on the motivation level of each individual.

The more reason is permeated, preventing it from rationalizing the emotional biologic process, the bigger the *Disney Effect*, as I call it, caused by the story.

In epistemological⁹ terms, it is simple to understand the struggle among the biological, the emotional and

⁹ Epistemology (from the Greek *episteme*, “knowledge”; *logos*, “theory”) is a branch of Philosophy that deals with philosophical problems related to the theory of knowledge.

Available at: <pt.wikipedia.org/wiki/epistemologia>.

The study of how we know what we know. Available at: www.pnlbrasil.com.br/artigos/glossari.htm.

reason, and the extent to which we are unable to balance these pressures when we are motivated by factors that go beyond information, doctrine, or the cold letter of the law.

This description of death also serves to reinforce, or translate, the confrontations of concepts when situations are scientifically demonstrated, such as the limits of human hearing capacity (20 to 20,000 KHz),¹⁰ or vision, restricted between infrared and ultraviolet, and limited capacity to understand other beings.

This takes us to more complex concepts, such as the one in which we can say that what we see is not what we see, and that all that we should see we cannot see, hear, or feel, restricted as we are by the physical limitations of human senses.

Our mind, our feelings, should be boundless and force us to understand the other species. But our mind and feelings have limitations. Maybe, proportionally larger limitations than the physical ones created by genetic heritage, social impositions, family education, the environment and so many other factors.

¹⁰ Hz: hertz, measurement unit that gauges the variation frequency in the cycles of a given impulse, from electricity to sound waves. In humans, the hearing capacity ranges from 20 to 20.000Hz.

The close comparison among chemical compositions, matter and fluids, mass and density, and so many others, cannot forego the feeling about the existence of a soul, or a spirit, regardless of their theological definition.

I agree with the view that all beings possessing a dynamics of life have a spiritual principle – that must be respected – even if in distant evolutionary steps among different categories or species.

But the relationship between the maintenance of survival needs – be them physiological or not – with the maintenance of sources of energy through protein consumption, of sophistication of the senses through consumption and processing of other species – in harmony with culture – does not need to be confronted, even if it involves situations in which principles ruling different societies are breached such as the consumption of brains of living monkeys or the use of lab animals for research.

Dignity must be sought in these relationships through the use of mechanisms that will cause less pain, less trauma, less suffering. This search, however, should not raise barriers that could hamper the current model of survival and conviviality among human beings, including the marginalization of those who are from different cultures.

This said, I cannot assert that the other living beings – both in the animal and vegetable kingdoms, among other kingdoms in which biological relationships thrive – have (or not) equivalent feelings and the same right to life. I cannot overcome my doubt about the existence of the food chain among all species, most of them eaten alive, and that this rule should be governed by legal standards when applied to humans and other species. Even because applying these standards to the other species is already to impose our domineering vision.

Animal overpopulation, for example, leads to environmental catastrophes, horrendous death caused by diseases and other natural factors; induction caused by nonintervention may be just as cruel as unleashed and abusive consumption of the species at stake.

Furthermore, to decide which species deserves more attention than others is something that requires further and deeper thinking. Several books focus on animals, actually only on some animals. They do not associate this same kind of respect to the lives of vegetable species under human consumption. They don't deal with fishes and other relevant species with the same sense of importance. What is left in the air is something like "liking some more or than others": "How can I love my dog, but still kill the spider that is under my pillow?"

This way, the concepts lose their universal character.

In philosophical and ethical terms, ideas and challenges to the relationship among the several species are critical and pertinent, leading to the pressing need of delving into these issues.

In legal terms, however, it would be harmful to proceed without due recognition of clearer evidence on these arguments, even when using principles such as the Precautionary Approach or other appeals, such as suffering.

We still keep billions of human beings under conditions of utter poverty and malnourishment; people who haven't been able to reach the minimum quality of life standards set by the current political and economic model. Quality of life as a goal should not be used to rationalize acts, at any cost, but rather, it should (and can) lead to caution, so that we don't go about creating more problems, disguised as barriers, than those we are able to solve.



Born in Curitiba, Luciano Pizzatto graduated in Forest Engineering from the Federal University of Paraná and attended a *lato sensu* graduate course in Socio-Environmental Law at the Pontifical Catholic University of Paraná. Developed several prize-winning concepts, and received the First National Ecology Award, in 1968, awarded by the Roberto Marinho Foundation, the National Research Council, and the Federal Government. As Director of National Parks and Reserves of the Brazilian Forest Development Institute/Brazilian Environmental and Renewable Natural Resources Institute, created the following parks: Fernando de Noronha (Pernambuco), Chapada dos Guimarães (Mato Grosso), and Superagüi (Paraná). Elected as State Representative and Congress Member, from 1989 to 2003. Authored the first piece of legislation enlarging the borders of Environmental Conservation Units, and created the first Environmental Conservation Unit: Saint-Hilaire Langue National Park (Paraná). Raporteur of legislation against Environmental Crimes, Nuclear Waste, the new Indian Statute, and the Atlantic Rainforest Act. Participated in and presided over approximately 1,200 hearings, seminars, and technical meetings on the Environment and Minority Groups. Raporteur and head of around 40 special committees, including the following: Aramar: Angra 1 incident; oil incidents at Presidente Getúlio Vargas Oil Refinery (Paraná); P-36, and Pegasus Project; Yanomani Massacre; military intervention in Rio de Janeiro's slums; Alcatrazes control; the Armed Forces' Nuclear Center; Antarctic Base; Peace Force in Angola; Roraima fires; Congressional Hearing Committee on Latex; among others. Eight times vice-president elected of the Committee for the Environment; President of the National Defense Committee; and President of the Environmentalist Congressional Front of the National Congress. Author of 130 published articles and three books.

efecto disney

ambiente

Luciano Pizzatto

La expresión *Efecto Disney* es un homenaje al hombre que más influyó en la fantasía y en los sueños de nuestra sociedad en el último siglo. Sin embargo, no tiene ningún carácter crítico personal o referencia a algún tipo de responsabilidad.

Efecto Disney: Vida, alma, sentimiento, necesidades y valores típicos de la sociedad humana, que, cuando proyectados en la naturaleza, generan visión lúdica disociada de la realidad y de la ciencia.

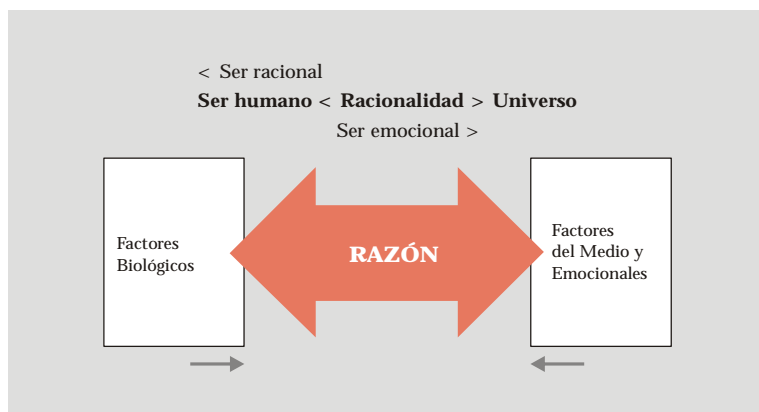
Nada existe en el universo solo y fuera de este plano e conexión y dependencia, de una forma simplista, el mundo de los seres humanos posee una clara separación de los demás mundos en función de algo que llamamos racionalidad.

Se aborda en ese aspecto la racionalidad dejando de lado las cuestiones de los conflictos ideológicos o de las acciones políticas y de debates entre universalistas y el relativismo cultural.¹

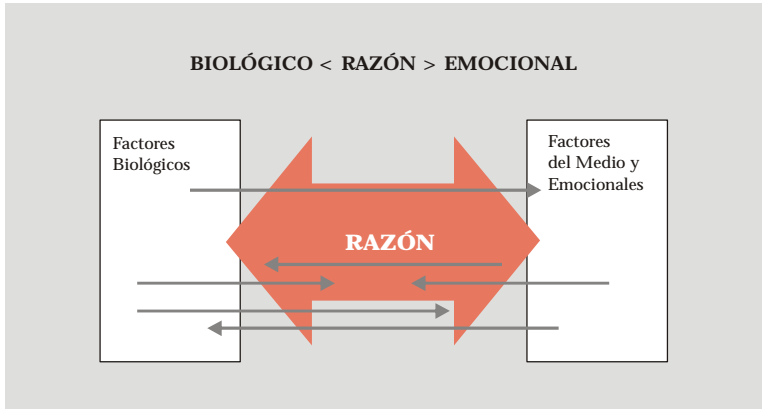
El ser racional: Que sea racional con su modelo de vida y con sus necesidades. La distancia que separa la forma

¹ Ideología político social que defiende la validez y riqueza de todo un sistema cultural y niega cualquier valor moral o ético de los mismos. En sus manifestaciones más extremas, llega a equiparar sectas como el "vudu" con la ciencia y a legitimar la poligamia o ablación del clítoris. Disponible en: <es.wikipedia.org/wiki/relativismo_cultural>

de ver los mundos puede ser más o menos intensa y puede generar desde personas absolutamente técnicas hasta otras emotivas y sensibles.



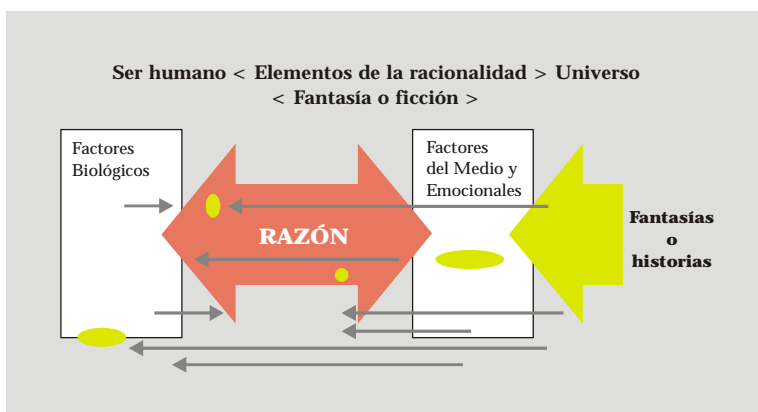
Esa relación ya viene siendo ampliamente discutida desde los comienzos de la filosofía hasta las recientes investigaciones genéticas y divide a los que dan mayor peso a las relaciones, fruto de la herencia genética, de aquellos que afirman que la emoción es la que rige la razón y la inteligencia. No es esta la discusión que propongo con el Efecto Disney sino la conceptualización de la distorsión o bloqueo en la capacidad de la relación de la racionalidad con el medio biológico y emocional.



En ese sentido, lo psicosocial viene siendo gradualmente alterado para que en algunos puntos de esa relación los mundos se encuentren y se mezclen, con la pérdida de la noción de lo racional, sin que esto sea efecto o causa de una relación aceptada tradicionalmente como fruto de factores técnicos o simplemente emocionales, o aún, de la herencia genética milenaria de las relaciones y de los instintos. Tiene una profunda relación con el concepto de Inteligencia Emocional, pero no se choca con las fronteras más rígidas de la fuerza biológica o de las cartesianas leyes de la ciencia.

La pérdida de la noción de lo racional, con la mezcla de lo técnico a lo lógico, pasa a ser un sentimiento colectivo de verdad, totalmente disociado del conocimiento y de los hechos que deberían generar el escenario que forma la verdad como la entendemos.

Esas interacciones colectivas son las que denomino ***Efecto Disney***.



El *Efecto Disney* es el opuesto de los efectos dañosos directos generados por la violencia y por la indiferencia, traídos por la masificación de informaciones y por las escenas de brutalidad, entre otros, que son ampliamente discutidos por la sociedad.

Por parecer benéfico y agradable, acabamos siendo condescendientes con esta situación y preferimos que el *Efecto* sea encarado como una motivación a los buenos sentimientos de la humanidad, en contrapartida a los estímulos negativos que vienen siendo combatidos de forma más evidente, como la violencia y la apología a las drogas y al sexo.

Desafortunadamente, sin embargo, el bien y el mal, cuando no vistos de forma clara o no son entendidos de manera definida (sin que se tenga un referencial, un punto de sustentación científica o de evidencia), o aún, cuando mostrados de manera manipulada a una voluntad, acaban generando graves alteraciones – positivas o negativas – que pueden estremecer todos los criterios de decisión de una sociedad.

El *Efecto Disney* no se refiere al tradicional debate entre los antropocéntricos² y los ecocéntricos³ o biocéntricos, en defensa de una ideología o de un posicionamiento político, sino a un hecho que está influenciando directamente a toda sociedad y a su capacidad de comprensión, produciendo incluso un nuevo fenómeno cultural. Supera también el proceso de diferenciar el mundo ideal del mundo real y la busca de su adecuación.

² Antropocéntrico: consideran al hombre el factor principal o de quien y para quien parte el Derecho, como cuando determina normas para su relación con el medio ambiente.

³ Ecocéntrico o biocéntrico: no considera al hombre como factor principal o de quien y para quien parte el Derecho. Considera su óptica por la o para la biosfera, donde todas las cosas tienen el mismo derecho de vivir y florecer, así como de alcanzar sus formas individuales de desarrollo y autorrealización dentro de la Autorrealización mayor. Todos los organismos y todas las entidades de la ecosfera son iguales en términos de su valor intrínseco.

El ejemplo más evidente de este *Efecto* es la relación de la sociedad urbana con el medio ambiente natural.

Diversas generaciones, que por el fenómeno de concentración urbana dejan de conocer y convivir con el medio rural y toman conocimiento de ese medio mediante dibujos animados, por ejemplo, y posteriormente, películas del estilo “*Ballena Chamu*” o “*Buscando Nemo*”, generan un subconsciente colectivo, aunque se sepa de su irrealidad, en el cual los animales poseen relaciones de vida semejantes a la de los seres humanos. Además de relaciones, necesidades y padrones sociales idénticos.

La zorra, después de cazar a los conejitos (¡que siempre se salvan!), vuelve para su casa, con puerta, mesa y cama; atiende a sus hijitos que vuelven de las clases, prepara una sopa de verduras etc. Animales que compiten en la cadena alimentaria conviven como grandes y fieles amigos (*Madagascar, 2005*⁴).

⁴ En ese dibujo, animales que huyeron de un zoológico, viven en gran armonía y relación con las “rémoras” locales, al llegar por accidente en Madagascar, y la amistad entre una cebra, un león, un hipopótamo y una jirafa es de profunda emoción, aun siendo la cebra el alimento preferido de los leones en la vida real.

El *Efecto Disney* es el efecto de la masificación de historias o deseos que impiden el avance de ideas o procesos con base científica por la dificultad de informar con exención, generado por una barrera de comunicación con la sociedad entre hechos y fantasía.

Difiere de los procesos ideológicos o de fanatismo, por no ser, en general intencional.⁵ Nada tiene que ver con la cuestión de los que creen necesario pensar el derecho de la vida no como el derecho inherente al ser humano, sino como derecho inherente al ser vivo. Pues la vida, en ese caso, está siendo pensada bajo premisas irreales en su existencia.

Este *Efecto* sobrepasa las cuestiones de si alguien es dueño del planeta, o de transformar animales en divinidades o en seguidores del hombre o en sus esclavos o en propiedades para usar y disponer.

Puede ser usado en esos procesos como una de sus herramientas, pero debe ser visto como un efecto formador de un psicosocial colectivo restrictivo de la realidad. Esto, por el simple hecho de que los seres

⁵ El *Efecto Disney* no vincula necesariamente mensajes subliminales o ideológicos, en las historias o mensajes infantiles, tema desarrollado por otros autores y que ha generado permanente polémica.

humanos prefieran lo bello, o feliz, así como de que su estructura social exista y prevalezca entre todos los seres y estructuras conocidas o imaginarias, pues este es nuestro patrón de felicidad.

Con eso, es más fácil aceptar que pescaditos vivan en familias frecuentando escuela, que ratoncitos sean detectives, que los cerditos hablen o los árboles se unan en ejércitos para luchar por sus hijitos. Mucho más fácil que aceptar que los pescaditos comen pescaditos, que los ratoncitos viven en medios con patrones de salubridad muy por debajo de los patrones que el ser humano soportaría, que cerditos son matados a millares⁶ para suplir nuestra demanda de proteína animal y que árboles, además de inmóviles, son vegetales de gran porte y alta competencia entre los otros vegetales y hasta con otros árboles, inclusive de la misma especie.

No estoy cuestionando si animales y plantas poseen o no algún grado de sentimiento o de raciocinio, sino el patrón de esos sentimientos y la lógica del raciocinio cuando son comparados con los de los seres humanos.

⁶ Por año, son matados cerca de 24 millones de cerdos sólo en el Brasil (IBGE, 2005). Disponible en:
< <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/teabat22005.pdf>

Tal vez ese único párrafo sea suficiente para que muchos de los lectores se sientan ofendidos en su sentimiento lúdico y para que otros fortalezcan la defensa de sus tesis consumistas. No tengo por objetivo, sin embargo, provocar ninguna de esas reacciones al alertar sobre el *Efecto Disney*. Pretendo apenas que él sirva de parámetro para evaluar interacciones colectivas influenciadas por la ficción y por la fantasía.

Ese *Efecto* se suma a la falta de conocimiento entre la cadena completa de hechos y la información llevada al público: por ejemplo, hasta los noticieros y las propagandas cuando tratan de la agricultura, en la mayoría de las veces, presentan campos maravillosos, floridos o en recolección, y no el proceso de su implantación, y de la destrucción del suelo por el uso del fuego. Las gallinas son mostradas en gallineros con aire acondicionado, agua y comida y después en forma de deliciosos pollos fritos o ya limpiécitos en la línea de producción, sin la huella de su degüello, sangría y desplume.⁷ La industria forestal es invariablemente presentada con el acto de derrumbe, caída y corte de árboles, con motosierra o hacha. De esa forma, de los tres

⁷ Por año, son matados cerca de 4 mil millones de unidades de pollos sólo en el Brasil (IBGE, 2005).

sectores primarios usados como ejemplos, el maderero es siempre presentado como sinónimo de destrucción, aunque, en el conjunto y a largo plazo, ambientalmente tenga menor impacto que las otras actividades.

Si pedimos a las personas que indiquen entre un plantío de trigo, un pastaje con una vaquita y un área recién desmatada, la situación que para ellas representa más vida, nadie escogerá el área desmatada, aunque científicamente sea esta la que mantiene mayor dinámica de vida y las mejores características de restituir las condiciones del ambiente original.

Visto como el proceso masivo de ideas llevadas a las sociedades por medio de películas y series, en los cuales los animales poseen estructura social y sentimientos humanos, el *Efecto Disney* genera un filtro inconsciente entre la realidad y la ficción. Así, induce a las personas a preferir conceptos y opiniones más próximos a esta ficción y a su deseo de concretizarla, como siendo la real felicidad, aun sin base científica.

Es claro que ese *Efecto* no es fruto de los medios modernos de comunicación – que potenciaron enormemente su resultado –, pues existe desde eras inmemoriales, en las leyendas de las brujas, de la tierra cuadrada rodeada por monstruos, de ballenas blancas (Moby Dick), minotauros y tantos otros mitos.

Pero sin duda, el efecto causado en el último siglo por el uso de dibujos animados y películas sobre animales (como “*Free Willy*” o “*Nemo*”) origina una estructura fantástica del mundo que nos rodea con mucho más fuerza de formación de la opinión pública que los raros canales y películas de información científica, que en su mayoría contradicen toda esta fantasía y por tanto, no son simpáticos a la gran parte de la población, que prefiere la fuga de los sueños a la aridez de la información técnica.

La directora de un gran evento de incentivo para que niños frecuenten más temprano las salas de cine, en el final de 2004, en Río de Janeiro, declaró para la prensa⁸: “Cuanto antes pudiéramos trabajar lo imaginario del niño, mejor, pues es cuando ella forma su percepción de la sociedad para toda la vida”. Las escenas que siguieron a esa entrevista mostraban a los niños vibrando con los conceptos de los dibujos y la propuesta de la relación social deseada, todo natural, lo que sin ninguna maldad intencional sucede todos los días en todo el mundo.

Como consecuencia, enfrentamos dificultades enormes para aplicar modelos como el del desarrollo sostenido,

⁸ Banco de datos de la Globo News.

pues por más aceptables y lógicos que parezcan, esos modelos exigen el uso y la transformación del medio en que vivimos, en mayor o menor escala, y la sociedad acepta esas transformaciones desde que no sea puesta ante la necesidad de decidir sobre ella. O sea, compran muebles y casas de madera, pero si no está de acuerdo con el manejo forestal, si es mostrado el pedido de que la persona determine el derrumbe de los árboles o que la comida esté relacionada con la imagen de la muerte del animal.

Por el sentimiento de humanidad, ese tipo de situación ya hace parte de la razón de la mayoría de las personas. Y este es más un motivo para que el *Efecto Disney* sea potenciado y aceptado de forma inconsciente. El deseo humano es receptivo a él.

El subconsciente colectivo, a medida que la sociedad evolucionó con patrones éticos más efectivos y claros, con aumento de la calidad de vida – que permite a más personas usufructuar el planeta de formas alternativas como el turismo y los medios contemplativos –, acaba potenciando la ficción y el deseo de que este sea verdadero. Así, coloca en riesgo la capacidad de que podamos efectivamente garantizar un mundo sostenido para las próximas generaciones, por miedo, precaución o

desconfianza de que adoptemos en la actual generación, modelos de uso absolutamente imperiosos, que no hacen parte del mundo feliz de tantas alegrías y lágrimas de emoción que nos traen los cuentos, las películas y la fantasía.

SINTIENDO EL EFECTO DISNEY

Después de haber leído un libro sobre derecho de los animales, con gran dosis emocional en todas sus páginas, decidí entender la fuerza que este ejerció sobre lo emocional y pasé a escribir un texto sobre su contenido, iniciando con la descripción de una muerte:

“Mientras admiraba la luz del sol, que, como plumas de seda invisibles, tocaba cada célula de vida en todo su cuerpo, alimentando y realimentando este proceso divino, el ser indefenso sintió el tocar de la mano de un otro ser, también hecho de materia, pero que se consideraba mucho más evolucionado.

Ese toque del sol fue arrebatado con una inmensa violencia, en lugar de dar el cariño que esa mano podía proporcionar. Esa violencia rompió rápidamente toda su ligación con su medio de sobre vivencia, su forma de respirar, de beber, de transformar el medio ambiente en medio de vida, equilibrada, suave, calmada y de contemplación.

Al quebrar ese eslabón, el ser fue tirado al lado, en una pila, como uno más, o mejor, como uno menos.

El sol continuaba tocando todo su cuerpo sedoso, pero ya no había como cambiar aquel calor por vida.

Su afán buscaba el agua, la comida. Pero eso fue quebrado por aquella mano destructora.

Los momentos de placer comenzaron a transformarse en ansiedad y sofocamiento. Todos los cambios no traían más oxígeno sino toxinas y toxinas que no se renovaban. Anunciando cada vez más la muerte próxima.

Sus sollozos, su lloro, su grito y suplicar no podrían ser oídos!

El ser, fuerte y superior, ni siquiera entendía su lenguaje.

Ni siquiera oía su voz, pues sus frecuencias no cruzaban el mismo espacio.

¿Pedir socorro para quién, si los dioses eran lo mismo, pero no sus mundos?

La falta de aire, de agua que se evaporaba del cuerpo, el calor que antes era una dádiva ahora quema todo su interior.

El mundo contemplativo a su alrededor se transformaba de paz en el horror de una guerra para sobrevivir, ya perdida.

Y como si no bastase esa muerte lenta, el ser retorna con sus grandes manos, carga aquel pedazo moribundo, y como sádico, comienza a rasgarlo, a despedazarlo.

Grandes y pequeños.

Gritos de horror y muerte. Gritos del más absoluto silencio para el otro ser, que nada oye, o nada puede oír.

Las células son dilaceradas, sus tejidos reventados.

No hay más cambios, no hay más como respirar, como beber, como comer. Y, en la forma de una pila informe de células transformadas en vitaminas y fibras, aquel pié de lechuga yace en un plato de ensalada.”

Esa es la “fiel” descripción del encuentro de un ser humano, en su huerta, con un pié de lechuga y su forma de morir. Acto corriente, que sucede billones de veces todos los días, sucedió en los millares de años que ya se pasaron y va a repetirse durante los próximos años.

Y la descripción sobre un vegetal que en nada difiere de otro ser, tal vez del reino animal, en que el rojo de la sangre y la temperatura del cuerpo nos pueden chocar más que la clorofila y la temperatura ambiente del vegetal. Pero vegetal y animal son seres vivos.

La descripción biológica no huiría de la misma síntesis, siendo apenas descriptiva, racional y secuencial.

Sin emoción.

Con seguridad, la descripción biológica no traería ninguna emoción, ninguna reacción, nada además de la lectura de un hecho corriente. Ya la forma lúdica de descripción adoptada puede traer variaciones de sentimientos del ridículo al sentimiento de la compasión, dependiendo del grado de motivación de cada uno.

Cuanto más sea permeable la razón, impidiendo que ella consiga racionalizar el proceso biológico de lo emocional, mayor habrá sido lo que yo llamo de *Efecto Disney* de nuestra historia.

En epistemología⁹ es sencillo entender la lucha entre lo biológico, lo emocional y la razón y cómo no conseguimos equilibrar tales presiones cuando somos motivados por factores que van mucho más allá de la información, de la doctrina o de la fría letra de la ley.

⁹ Epistemología (do grego *episteme*, “conocimiento”; *logos*, “teoría”) es una rama de la filosofía que trata sobre los problemas filosóficos relacionados con la teoría del conocimiento.

Disponibile en: < pt.wikipedia.org/wiki/epistemologia> .
El estudio de cómo sabemos lo que sabemos. Disponible en:
www.pnlbrasil.com.br/artigos/glossari.htm.

La descripción de esa muerte también sirve para reforzar o traducir los enfrentamientos de conceptos, cuando se demuestran científicamente situaciones como los límites de la audición (20 a 20.000KHz)¹⁰ de los seres humanos, o de su visión restringida entre lo infrarrojo y el ultravioleta, y la capacidad de entender otros seres.

Eso nos lleva a conceptos mucho más complejos, como el de que lo que vemos no es lo que vislumbramos y todo lo que tendríamos que ver no lo conseguimos vislumbrar ni oír ni sentir, por los estrictos límites físicos de los sentidos humanos.

La mente, el sentimiento, estos podrían no tener límites y nos deberían proporcionar la obligación de que entendamos a las otras especies. Pero la mente y los sentimientos poseen límites. Límites tal vez proporcionalmente mayores que los físicos, formados por herencias genéticas, carga social, formación familiar, medio y tantos otros factores.

¹⁰ Hz: hertz, unidad de medida de la frecuencia de la variación de ciclos de determinado impulso, desde el eléctrico hasta las ondas sonoras. En los seres humanos la capacidad de oír situase entre las frecuencias de 20 a 20.000Hz.

La comparación estrecha entre composiciones químicas, materia y fluidos, masa y densidad, y tantas otras, no puede perder el sentido de la existencia de un alma, de un espíritu, sea él definido de la forma teológica que fuese.

Estoy de acuerdo con la visión de que todo ser con dinámica de vida tenga un principio espiritual – que debe ser respetado – aunque en grados evolutivos muy distantes entre cada categoría o especie.

Pero la relación de manutención de las necesidades de la vida, fisiológicas o no, no necesita ser confrontada con la manutención de las fuentes de energía por medio del consumo de proteínas, de la sofisticación de los sentidos por el consumo y refinado de otras especies, y su armonía con la cultura, aunque envuelva situaciones de ruptura de principios entre sociedades, como el consumo de cerebros vivos de monos o el uso de conejillos de indias en investigaciones.

La dignidad debe ser buscada en esas relaciones con el uso de mecanismos que ocasionen el menor dolor, o menor trauma, o menor sufrimiento. Esa búsqueda, sin embargo, no puede generar una barrera que haga inviable el actual modelo de supervivencia y convivencia de los seres humanos, marginando, incluso, aquellos que eventualmente poseen culturas diferentes.

Sobre ese aspecto, no puedo afirmar que los otros seres vivos, tanto del reino animal como del vegetal, entre otros reinos en que palpitan las relaciones biológicas, poseen o no equivalencia de sentimientos y derecho a la vida. No consigo superar la duda de la existencia de la cadena alimentaria entre todas las especies, consumidas vivas en su casi totalidad, y que esta regla deba tener normas de derecho cuando son aplicadas a la especie humana y a las otras especies. Aun, porque dictar esas normas en relación con las otras especies ya es una forma dominante de nuestra visión.

Como ejemplo, superpoblaciones de animales ocasionan catástrofes ambientales, muertes horrorosas por enfermedades y otros factores naturales, y la inducción por la no intervención tal vez sea tan cruel como el consumo desarreglado y abusivo de esta misma especie.

También juzgar cual especie merece mayor atención es algo que requiere mayor reflexión. Varios libros enfocan los animales, en verdad una parte de los animales. No relacionan el mismo carácter de respeto a la vida y al consumo humano de especies vegetales. No tratan de los peces y otras especies relevantes en pié de igualdad. Dejan en el aire algo como “gustar más o menos” de alguna cosa: “como amar a mi perro, pero poder matar a la araña que está sobre mi almohada”.

Los conceptos, de esa forma, pierden su carácter universal.

En el campo de la filosofía y de la ética, las ideas y los cuestionamientos de las relaciones entre las especies son fundamentales y pertinentes, provocando la necesidad de profundizar rápidamente estas cuestiones.

En el campo del derecho, sin embargo, sería una temeridad que avancemos sin el debido reconocimiento de evidencias más claras de los argumentos, aún valiéndonos de principios como el de la precaución o de apelaciones como la del sufrimiento.

Todavía mantenemos billones de seres humanos miserables y desnutridos, que ni siquiera alcanzaron la calidad de vida mínima propuesta en el modelo político y económico actual. En esta meta de calidad de vida no debe justificarse cualquier acto a cualquier precio, sino que puede y debe estimular la cautela para no crearnos más problemas, a manera de barreras, de lo que podemos solucionar.



Luciano Pizzatto nació en Curitiba, Paraná, Brasil y es Ingeniero Forestal formado por la Universidad Federal de Paraná y postgrado *lato sensu* en Derecho Socio Ambiental por la Pontificia Universidad Católica de Paraná. Desarrolló conceptos reconocidos por diversas premiaciones como el Primer Premio Nacional de Ecología, en 1986, de la Fundación Roberto Marinho, Consejo Nacional de Pesquisa y Gobierno Federal. Como Director de Parques Nacionales y Reservas del Instituto Brasileño de Desarrollo Forestal/Instituto Brasileño del Medio Ambiente y de los Recursos Naturales Renovables, creó los parques de Fernando de Noronha (Pernambuco), Chapada dos Guimarães (Mato Grosso) y Superagüi (Paraná). Fue Diputado Estadual y Federal de 1989 a 2003. Es autor de la primera ley que amplió los límites de una Unidad de Conservación y creó la primera Unidad de Conservación (Parque Nacional Saint-Hilaire Langue, en Paraná) por iniciativa del Congreso Nacional. Fue relator de leyes como la de Crímenes Ambientales, de Residuos Nucleares, del nuevo Estatuto de Índio y de la Ley de la Mata Atlántica. Participó y presidió cerca de 1.200 audiencias, seminarios y reuniones técnicas en el área de medio ambiente y minorías, incluso presidiendo algunos de esos eventos. Fue relator o presidió cerca de 40 comisiones especiales como la de Aramar, del incidente en Angra I, incidentes petrolíferos de la Refinería Presidente Getúlio Vargas (Paraná), de la P-36 y Proyecto Pegasus, de la masacre Yanomani, de la intervención militar en los tugurios de Rio de Janeiro, del control de Alcatrazes, del centro nuclear del Ejército en Río de Janeiro, de la base de Antártica, de la Fuerza de Paz en Angola, de los incendios en Roraima, de la Comisión Parlamentar Inquisitoria del Caucho, entre otras. Fue por ocho veces vicepresidente de la Comisión de Medio Ambiente, Presidente de la Comisión de Defensa Nacional y Presidente del Frente Parlamentar Ambientalista del Congreso Nacional. Publicó cerca de 130 artículos y tres libros.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Antônia Schwinden

CAPA E DIVISÓRIAS

Glauce Midori Nakamura

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Ivonete Chula dos Santos



*Este livro foi composto em Arrus BT e
impresso em papel Polen Bold 90g/m².
Capa em papelão Orly revestido com Couché
Fosco 150g/m². Tiragem: 3.000 exemplares.*